

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte | PORTUGAL E COLONIAS | Franco de porte
Anno ou 24 numeros 25600 | Trimestre ou 6 numeros 5650
Semestre ou 12 numeros 15300 | N.º avulso ou pago á entrega 5120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS
Anno ou 24 numeros 35000 | Semestre ou 12 numeros 15500

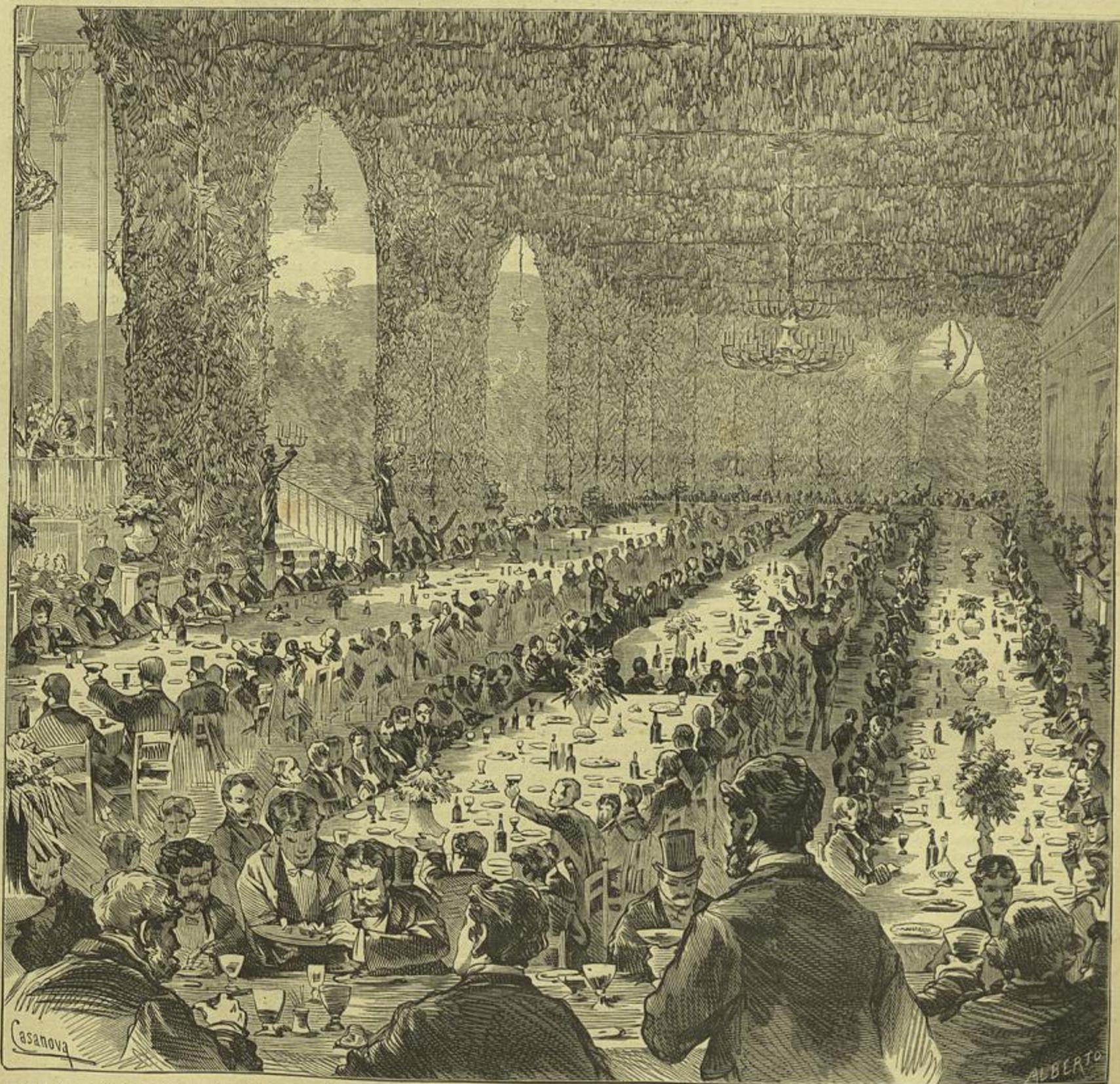
3.º ANNO — VOLUME III — N.º 62

15 DE JULHO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu
importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da
empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



FESTAS DO CENTENARIO DE CAMÕES — O BANQUETE OFFERECIDO À COMMISSAO EXECUTIVA DA IMPRENSA E CAMARA MUNICIPAL
DE LISBOA NO DIA 4 DE JULHO DE 1880 (Desenho do natural por Casanova)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — As nossas gravuras — Notas soltas, Fr. Francisco de Jesus Christo, JACINTHO PERES — Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas, BRITO REBELLO — Thackeray em Lisboa, ALBERTO TELLES — Augusto Cesar Cardoso de Carvalho, R. — A Calçada de Alparjares, ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO — De Buenos Aires á Pampa, FRANCISCO D'ALMEIDA — O ninho do pardaes, CARLOS DE MOURA CABRAL.

GRAVURAS. — Festas do centenario de Camões, O banquete offerecido á commissão executiva da imprensa e câmara municipal de Lisboa, no dia 4 de julho de 1880 — Augusto Cesar Cardoso de Carvalho, novo governador de Timor — Festas do centenario de Camões, Illuminação e fogo de artificio no Palacio de Crystal do Porto, 13 de Junho de 1880 — Na rua do Alecrim, o Tejo, o Chiado, na rua Augusta, o pavilhão da rua nova do Almada — A noite de 11 de junho de 1880 no novo bairro Camões — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Vamos decididamente entrar no periodo que a companhia das aguas e os chronistas declararam oficialmente a epoca da estiagem, para o effeito de fecharem a torneira das aguas e a das novidades de que o publico anda sempre mais ou menos sequioso; se bem que as novidades tenham sido em todos os tempos muito mais do agrado da população, d'ordinario menos propensa a lavar a cara do que a investigar o que faz o proximo.

Ha uns poucos d'annos que Lisboa vive da promessa do Alviella para agosto proximo. O agosto porem passa e só o Alviella não desliza pela garganta secca dos contadores affeitos já agora a viverem d'uma esperança como os possuidores dos titulos do emprestimo de D. Miguel.

Entretanto, n'este momento estas esperanças estão a ponto de se transformarem n'uma doce realidade. O desejo rio já murmura não muito longe da cidade, confundindo os seus suspiros canalizados com os queixumes das viagens sequiosas, e os portadores do emprestimo começam a triumphar, pelo menos nos telegrammas da agencia Havas. Resta simplesmente que as coisas toquem os limites da evidencia proporcionando-nos a companhia das aguas, pela parte que lhe diz respeito, uma porção d'Alviella dentro d'um copo, e o governo constitucional reconhecendo os direitos dos banqueiros do direito divino até ao ponto de lhes transformar definitivamente as suas queridas illusões em libras.

— Entretanto o que á cidade vae faltando n'um vulgar liquido e aos banqueiros catholicos n'umas terrenas libras, vamos nós todos gosar dentro em pouco na riqueza de sabedoria que as nações da Europa culta nos enviam por occasião do congresso anthropologico. Estão annunciados já cento e cincoenta sabios de todas as cathogorias e tamanhos, desde o sabio de grande estatura até ao sabio de talhe mais moderado para uso domestico das nações.

Mas aonde havemos de nós metter tanto sabio? Logo cento e cincoenta d'uma vez quando d'ordinario se costuma dizer d'um homem grande, para lhe ser agradável — não cabe no paiz que lhe deu o ser!...

Toda a gente sabe que o augmento de cento e cincoenta pessoas na população fluctuante de Lisboa é o bastante para alterar a phisionomia da cidade. O que fará agora dando-se a circumstancia d'esses cento e cincoenta viajantes, em vez de serem estimaveis cavalheiros oriundos do Alemtejo ou das provincias d'entre Douro e Minho, serem os maiores luminares da sciencia que a Europa culta tem produzido modernamente!

Decididamente, se d'esta vez desperdiçamos a occasião de reunir todas estas celebridades n'uma junta pedindo-lhes conselho sobre os

males publicos de que ha tanto tempo nos queixamos, damos uma prova d'imprevidencia manifesta e ficamos inteiramente desacreditados como povo pratico.

Que ao menos esse conselho seja a compensação da carinhosa hospitalidade que nós vamos dar aos peregrinos celebres, que mal pensam que, para os receber condignamente, teremos d'alterar inteiramente os nossos habitos domesticos, não só transferindo a hora do almoço e do jantar, mas mandando os nossos filhos dormir para a cosinha e para o sotão, a fim de reservar para os *viajores* que chegam, os confortos tepidos da alcova em que a sciencia patria tem dormido a interminavel soneca das suas profundas cogitações.

O que nós não lhes poderemos proporcionar, na verdade, na quadra em que elles chegam, são as distrações mundanas que d'ordinario constituem o encanto dos espiritos superficiaes. Tambem é preciso levar em linha de conta que vamos tractar com sabios e que para esses é sempre d'uma voluptuosidade mais requintada o exame d'um fossil antediluviano do que uma noite de theatro lyrico. Ora no genero *fossil* ninguem está nas condições de satisfazer mais cabalmente a anciedade dos archeologos. Levando-os ás arcadas, ou mesmo á rua dos Al-gibebes, fartamol-os logo de exemplares pre-historicos. Se ainda não ficarem contentes, arranja-se então uma recita extraordinaria em D. Maria II...

E é crer, — pois que a sabedoria é sobria, — que os satisfaça inteiramente a sopa vacca e dramas da nossa hospitalidade.

— Com a noticia da chegada do batalhão sagrado da sciencia coincide outra que deve satisfazer por uma vez o orgulho nacional.

Na procissão da Rainha Santa que acaba de se realizar em Coimbra, na Lusa Athenas, figuraram, segundo o testemunho unanime de todos os noticiarios, 261 anginhos!

Dir-se-ia á primeira vista que as melicias celestiaes foram postas em pé de guerra para este caso solemne, mas não é assim. Coimbra para apresentar em parada este numero de seraphins não teve necessidade de chamar as reservas nem de fazer entrar nas fileiras os doutores de capello mais virginaes. Aquelles 261 anginhos, segundo parece, constituem a força ordinaria da guarnição.

E tanta gente á espera que a revolução venha de Coimbra! Tanta gente illudida com os pronuncios da alvorada que entreluz por entre os salgueiraes do Mondego!

Vê-se agora que as *Odes Modernas*, a *Visão dos Tempos* e a *Morte de D. João* foram os gritos isolados d'umas aguias adventicias que haviam conseguido insinuar-se pela espessura dos bosques aonde se escutam sempre os *suspiros d'Ignez!* Em Coimbra ao que parece, toda a gente usa ainda azas por baixo dos paletots, e não se pode na verdade admittir que uma cidade que só n'um dia fornece 261 anginhos a uma procissão seja a côrte das letras em vez de ser a côrte do céu.

Este caso angelical coincidindo com o apparecimento d'uma nova santa no arcebispado de Braga! habilita-nos para receber condignamente a sciencia estrangeira ao som d'um côro celestial como ella de certo nunca ouviu.

— Os ultimos eccos das festas do centenario veem-nos n'este momento do estrangeiro sob um aspecto muito mais sympathico do que os ultimos que todos nós ahi escutámos vindos das profundezas dos artigos de fundo.

Nas illustrações estrangeiras a gravura encarregou-se de commemorar devidamente as festas camoneanas e o *Monde Illustrée*, uma das mais celebradas revistas francezas chegou mesmo ao extremo da amabilidade. Na sua collaboração do numero que tenho presente vejo dois bellos artigos firmados por Bittencourt Rodrigues e Trigueiros Martel, dois entusiasticos moços cheios de talento e de vida que escrevem alguns periodos calorosos a respeito do grande facto commemorado, e mais deparou com uma composição artistica do sr. Ribeiro, pensionista da Academia do Porto segundo penso, o qual tomou por thema *Ca-*

mões no leito da dor. Não me recordo se é este o seu titulo mas pode muito bem sel-o.

Não me parece que a inspiração do sr. Ribeiro seja d'uma felicidade por ahi alem. Ia mesmo ao extremo de lhe chamar uma pequena infelicidade se não receiasse que a gravura se tivesse proposto, de ficto feito, a desacreditar a composição original. Entretanto o Camões do sr. Ribeiro, não tem caracter épico nem historico. É um segundo official dos nossos dias que, por se achar com rheumatismo n'um joelho, não foi á repartição e toma um caldo que lhe ministra o creado da casa em que está hospedado.

O quadro do sr. Ribeiro foi admittido no *salão* d'este anno. Mais uma circumstancia que concorre para o achar um pouco falho não só pela concepção como pelo descredito que lança sobre e vulto épico de Camões que tudo pôde suportar na gloria — menos um colete de flanela.

— Os jornaes do Brazil aonde o terceiro centenario de Camões foi celebrado com pompa, dedicaram tambem numeros especiaes á gloria do grande poeta. Tal qual succedou entre nós muitas d'essas inspirações d'occasião parecem geradas como se as esmagasse o peso d'um gigante entretanto entre ellas vejo algumas tocadas d'uma exquisita e graciosa originalidade que o leitor de certo apreciará.

Machado d'Assis, um primoroso cinzelador entre varios sonetos modela este aonde transparece evidentemente uma inspiração genial.

Quando, transposta a lugubre morada
Dos castigos, ascende o florentino
A' região onde o clarão divino
Enche d'intensa luz a alma nublada,

A saudosa Beatriz, a antiga amada,
A mão lhe estende e guia o peregrino,
E aquelle olhar atereo e crystallino
Rompe agora de palpebra sagrada.

Tu, que tambem o purgatorio andaste,
Tu, que rompestes os circulos do inferno
Camões, se o teu amor fugir deixaste,

Ora o tens, como um guia alto e superno;
Que a Natercia da vida que choraste
Chama-se Gloria e tem amor eterno.

Valentim Magalhães, subscreeve um valente soneto; a *Vingança de Camões*.

Como um leão soberbo e mal ferido
Atravessando um areal ardente,
Dos temporaes saharicos zurzido,
Devorado do sol incandescente,

N'um torvo desespero enraivecido
Aceita á natureza o prelio ingente
E vae tombar por fim desfallecido
N'um oasis sombrio e sorridente;

Assim Camões out'ora. Honrado e forte
Da desventura ao rijo temporal
A's vis perseguições d'imiga sorte,

A vida foi pedir-te, ó Portugal!
O' patria que elle amou, des-te-lhe a morte,
E elle vingou-se assim: fez-te immortal!...

Mas como especimen da poesia parnasiana, aquecida e vivificada pelo sol dos tropicos, ahi vae um estranho soneto, bizarro e original de Luiz Delfino.

Como um leão, que vólta, e vem do firmamento
Tinta a boca de luz dos astros immortaes,
E que na fulva garra — ouzado e famulento —
Arranca ao céu azul pedaços collossaes...

Sacudindo a crina, e azas d'ouro ao vento,
Como ás girafas dos seus patrios areaes,
Das estrellas no collo — indomito e violento —
Mette o dente ... e revoa em procura de mais...

Seu genio assim — Leão alado da harmonia —
Roubava as ideiaes estrellas da poesia,
Pendurando-as da patria aos multiplos florões...

Quem não ouve o fremer dos mundos fulgorosos,
Nos hombros carregando os versos sonorosos
Do canto secular, que nos legou Camões?...

Como a suave e voluptuosa musa de Casimiro d'Abreu e de Castro Alves deve fugir estupefacta ao ouvir os acordes d'estas notas phantasticas que vão predominando na poesia d'alem mar!...

GUILHERME D'AZEVEDO.

AS NOSSAS GRAVURAS

BANQUETE NO BAIRRO CAMÕES

No dia 4 de julho corrente quatrocentos cidadãos, industriaes, artistas, commerciantes, escriptores, representantes emfim de todas as profissões; apóstolos convictos de todas as idéas, reuniram-se n'um banquete offerecido á commissão executiva da imprensa e camara municipal de Lisboa, em testemunho de reconhecimento pelo esplendor e acerto com que as festas do tricentenario de Camões foram levadas a effeito com tanto esplendor e gloria para o nome portuguez.

O festim teve logar n'um elegante pavilhão levantado nos jardins do velho solar do palacio do conde de Redondo, que defronta com os terrenos do novo bairro Camões. Reinou sempre a maior alegria e cordealidade em todo o banquete, brindando-se entusiasticamente a todos os nobres cometimentos, a todos os obreiros convictos das letras, das artes e do trabalho.

FESTAS NO PALACIO DE CRISTAL DO PORTO

A capital do norte nunca foi avara d'entusiasmos e nunca declinou uma nobre iniciativa quando se tracta de glorificar o nome portuguez.

As festas com que o Porto celebrou o terceiro centenario de Camões, não foram das menos brilhantes e das menos sumptuosas levadas a effeito em terras portuguezas. Ao contrario, o palacio de cristal, pela sua magnificencia e pela sua collocação, presta-se admiravelmente para estas solemnisações e as suas festas são das mais encantadoras que entre nós hoje se realisam. Neste ponto o Porto pôde orgulhar-se de levar a palma á capital do reino, e de possuir entre nós o edificio unico, que é para a nova religião do trabalho o que os velhos templos são para a creença catholica.

A nossa gravura dá o aspecto do palacio de cristal n'um dado momento da noite 13 de junho, segundo o desenho d'um habil collaborador que tantas vezes tem abrilhantado as paginas do OCCIDENTE.

FESTAS DO CENTENARIO DE CAMÕES

A nossa quinta pagina é uma composição *d'après nature*, que devemos ao lapis experimentado no nosso collaborador artistico A. Cazanova. O desenho está explicado por si e dispensa novos esclarecimentos visto ser como que um resumo dos *croquis* diversos consagrados pelo OCCIDENTE ás ultimas festas.

O BAIRRO CAMÕES NA NOITE DE 13 DE JUNHO DE 1880

Na noite seguinte áquellas consagradas especialmente a festejar o tricentenario de Camões, o syndicato do bairro d'este nome offereceu á cidade Lisboa uma brilhante festa destinada a solemnizar não só o mesmo facto glorioso como tambem a inauguração d'um empreendimento de que a capital muito tem a esperar se os seus promotores não afrouxarem no empenho que se propozeram de dotar Lisboa com alguns arruamentos novos, proporcionando á população novas habitações construidas sob um plano mais nacional, em condições hygienicas e economicas mais favoraveis do que as observadas até hoje.

Foram realmente brilhantes as illuminações effectuadas nos jardins do palacio dos condes de Redondo que defrontam com os terrenos do novo bairro, e esplendido o fogo d'artificio, especialmente fabricado para a festa pelo pyrothecnico Pain de Londres. A nossa gravura dá idéa do parque transformado, como que por influxo magico, de abandonado jardim d'um velho solar, n'um recinto encantado das *Mil e uma noites*.

NOTAS SOLTAS

FR. FRANCISCO DE JESUS CHRISTO

I

Aos 5 de fevereiro de 1563 achavam-se na casa do capitulo do convento da Graça de Lisboa, os reverendos fr. Pedro de Santo Agostinho, e o nosso muito conhecido (depois veneravel) fr. Thomé de Jesus, auctor do bello livro *Trabalhos de Jesus*, commissarios por parte

do infante cardeal D. Henrique, legado a latere, e de fr. Luiz de Montoia vigario geral da ordem de Santo Agostinho na provincia de Portugal. Junto a elles com uns autos escriptos estava o notario apostolico Duarte de Mattos. A um lado notavam-se tres seculares, que pelos trajos mostravam ser fidalgos da casa d'el-rei, e eram Pedro de Carvajales, Alvaro Antunes e Fernão d'Obidos. Em frente da mesa, sentado em um assento de coiro sem espaldar, via-se um homem ainda moço, vestido no habito da ordem.

Tinha o notario apostolico Duarte de Mattos, clérigo *in minoribus* acabado de ler uma sentença, que os reverendos commissarios haviam proferido, quando entrou um leigo com varios artigos de vestuario secular.

N'este momento appareceu outro leigo, que, com o acatamento devido, communicou aos reverendos commissarios da parte do prior do convento que se achava fóra o corregedor da côrte, o dr. Manuel de Almeida, que vinha cumprir diligencia junto d'elles juizes commissarios apostolicos.

Mandado admittir entrou com gravidade o dr. corregedor, acompanhado do seu escrivão, do prior e mais padres do convento.

Então declarou o corregedor que vinha ali da parte d'el-rei, para lhe darem conta de um homem que no convento se achava recluso, e que se vestia de habitos de religioso da ordem, sem o ser.

Dando os commissarios signal para se cumprir a sentença, o frade moço, que se achava de pé no meio da sala do capitulo, começou por suas proprias mãos a despojar-se dos habitos religiosos, ficando em calças e gibão; em seguida tomando o fato que o leigo trouxera, se vestiu d'elle, ficando de botas, calças, pelote frisado, sobre o qual deitou uma capa tambem frisada, e poz um chapéu na cabeça, com o que ficou muito gentil e bem posto.

Após isto, mandou-lhe o corregedor que se aproximasse, interrogando-o pelo seu nome, filiação, naturalidade, etc.: ao que elle respondeu como cumpria.

Findo o interrogatorio disse-lhe o corregedor, que el-rei lhe ordenava que elle nunca mais se intitulasse religioso, nem usasse trajos ou habitos da dita ordem, nem do nome que tomára mas sim do de Francisco de Abreu (os reverendos commissarios haviam-lhe chamado Francisco de Leão), e que o intimava a que se saísse d'esta cidade de Lisboa dentro de vinte e quatro horas, e do reino dentro de dez dias, sem nunca mais poder a elle voltar, salvo com licença especial de sua alteza, sob pena de ser preso, posto em ferros e castigado por todas as suas culpas como a sua alteza aprouvesse.

Francisco de Abreu (outr'ora fr. Francisco de Jesus Christo) assim o prometeu cumprir.

Então o prior e commissarios acercaram-se do ex-frade, e com palavras de amor, benignidade e conforto lhe admoestaram a que persistisse em sua vida e intenções a favor da religião, que abandonasse o mau habito de levantar fabulas e enganos, e que se Deus lhe tocasse de todo em todo o coração e se sentisse bem e perfeitamente inclinado á vida religiosa, em Roma, onde tanta gente o protegia, fizesse penitencia, e procurasse aquelle habito, que primeiro vestira. Que assim como Deus perdoára á Magdalena, que derramara sobre seus pés o nardo precioso, e a abrigára em sem seio, aquella casa, onde elle deixava tão preciosa e valiosa memoria o acolheria e recolheria como filho bem vindo.

Admoestado assim pelos frades e depois pelo corregedor saiu do convento da Graça.

Feita uma curta reflexão seguiu a passos apressados pela calçada de Santo André, rua dos Cavalleiros e Mouraria, e açodado se dirigiu a uma pequena casa junto ao postigo de Sant'Anna.

Mas porque estava recluso na Graça fr. Francisco de Jesus Christo, porque foi sentenciado, como vimos, sem receber castigo, e passou a chamar-se Francisco de Abreu?

(Continúa.)

JACINTHO PERES.

Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas

FESTVS VNTERIVRES

(Continuado do n.º 61)

Fallecido D. Manuel subiu ao throno seu filho que foi D. João III. Ficára sua madrastra, muito nova, viuva e com ja filha que dissemos.

D. João III, ou porque effectivamente tivesse julgado que aquella senhora, lhe fora destinada esposa, ou porque depois que a vira lhe parecesse mais propria para elle, joven e vigoroso, do que para seu pae, ou porque as graças da gentil princeza o houvessem seduzido e lhe fizessem despertar no coração um sentimento, que o parentesco que os ligava não fora capaz de extinguir, começou a alimentar a idéa de se ligar a sua madrastra.

Os populares, e os fidalgos que cercam o rei, novos e pouco theologos, todos lhe aconselhavam este passo, como conveniente a elle e ao reino, por causa do dote da rainha, e por causa da infante, de quem era cruel fazer separar aquella. A rainha que se affeiçoara aos portuguezes e para a qual se tornavam agradaveis em sua viuvez, os mimos e cuidados do real enteado, parece se deixar ir atraz d'essa esperanza, que vinha talvez realisar o o seu primeiro pensamento de amor.

Delongas, espaçamentos, difficuldades adrede fomentadas, ou casualmente apparecidas, addiavam de dia para dia, de mez para mez, a partida da real viuva para Hespanha; o que afinal veiu a realisar-se a custo de ambos, quebrando o sonho delicioso em que haviam principiado a embalar-se, a intervenção do ao principio agente e depois embaixador de Carlos V, Christovão Barroso, cuja arrogancia e zelo excessivo lhe custou ir parar ás galés.

Apagada esta veleidade, passado algum tempo tratou D. João III seriamente de procurar noiva, e para isso enviou a Burgos, onde se achava a corte do imperador Carlos V, Pedro Correa, senhor de Bellas e o doutor João de Faria.

Concertado o casamento d'el-rêi, com a infanta D. Catharina, irmã do imperador, foi estipulado que o dote fosse de 200:000 dobras, além das joias, vestidos e adornos de sua pessoa, que se consignasse como arrhas a terça parte do dote; que o noivo pagasse a dispensa de parentesco, e o imperador as da viagem da futura rainha, e além d'isso estabeleceram-se outras condições relativas a socorros em casos attinentes ás duas corôas, confirmaram-se as antigas pazes, etc.

Em vista d'isto, entrado o anno de 1525, ardia o reino em apercibimentos de festas para o recebimento da nova rainha, como diz Fr. Luiz de Sousa. Partiu ella da côrte de seu irmão, acompanhada do Bispo de Siguença, Duque de Bejar, a quem seguiam grande numero de fidalgos, e nobres dos mais luzidos de Hespanha, *todos lustrados e custosos em diversidade de trajos, sédas, côres e numero de criados*.

El-rei dera as instrucções precisas para o recebimento, partindo para Elvas os Infantes, o duque de Bragança, e seu filho, o Commendador mór e um cortejo brilhante que os acompanhava.

A 14 de fevereiro saiu a infanta de Badajoz, e de Elvas, que estava toda coberta de gallas, saíram os infantes, duque e mais comitiva. Um numeroso ajuntamento de povo, engalanado e festivo cobria as duas margens do Caia. Chegadas alli as duas cavalgatas, se desceram todos os fidalgos, e a pé foram beijando a mão á nova rainha; por ultimo fizeram-no do mesmo modo o filho do duque e o Commendador mór. Depois d'esta cerimonia adiantou-se o duque de Bragança e a certa distancia, se apeou para beijar-lhe a mão, mas ordenando-lhe ella que montasse a cavallo, beijou-lh'a depois; voltando elle para junto dos infantes, adiantaram-se estes e apeando-se, e fazendo mostras de lhe irem beijar a mão, a princeza procedeu para com elles do mesmo modo que para com o duque, e cavalgando beijaram-lh'a então.

(Continúa.)

BRITO REBELLO.

THACKERAY EM LISBOA

V

O Palacio da Ajuda

De Belem seguiram para a Ajuda. Está por concluir, como todos sabem, o palacio de Nossa Senhora da Ajuda, e o mesmo succede a muitos edificios publicos de Portugal. Nem isso é para admirar, se até ficaram em proverbio as obras de Santa Engracia!

Avistei a primeira vez o paço da Ajuda do convez do vapor *D. Luiz* — um barco pequeno que andou ha annos na carreira das ilhas. Vinha a entrar a barra enlevado na vista maravilhosa de Lisboa, *joia da testa da Europa* (como lhe chamou o nosso D. Francisco Manoel), que tanto faz lembrar, ainda a quem só os viu em sua imaginação, o amplo golpho de Napoles e a cidade imperial de Constantino, mirando-se garrida nas aguas do Bosphoro, quando subitamente dei com os olhos n'aquelle immenso edificio, o qual, visto d'alli, do meio do mar, se pôde dizer, parece ao mesmo passo um grandioso monumento e uma descommunal ruina. A impressão que primeiro se recebe é essa, e não tem de esquecer mais. Porque a fachada concluida ou quasi inteiramente concluida, pois ainda lhe falta o remate do corpo cen-

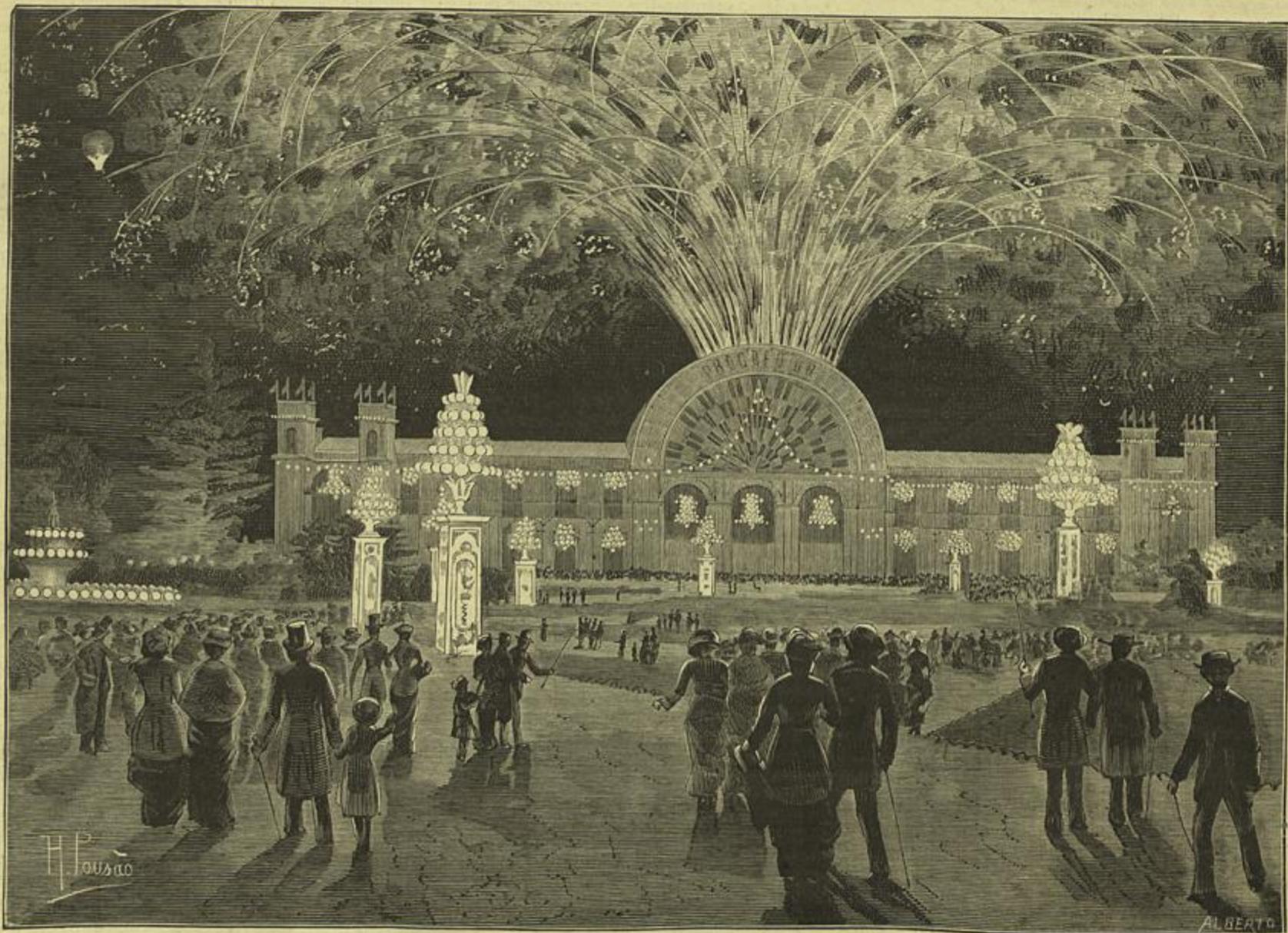


AUGUSTO CESAR CARDOSO DE CARVALHO — Novo governador de Timor
(Segundo uma photographia de Gemes)

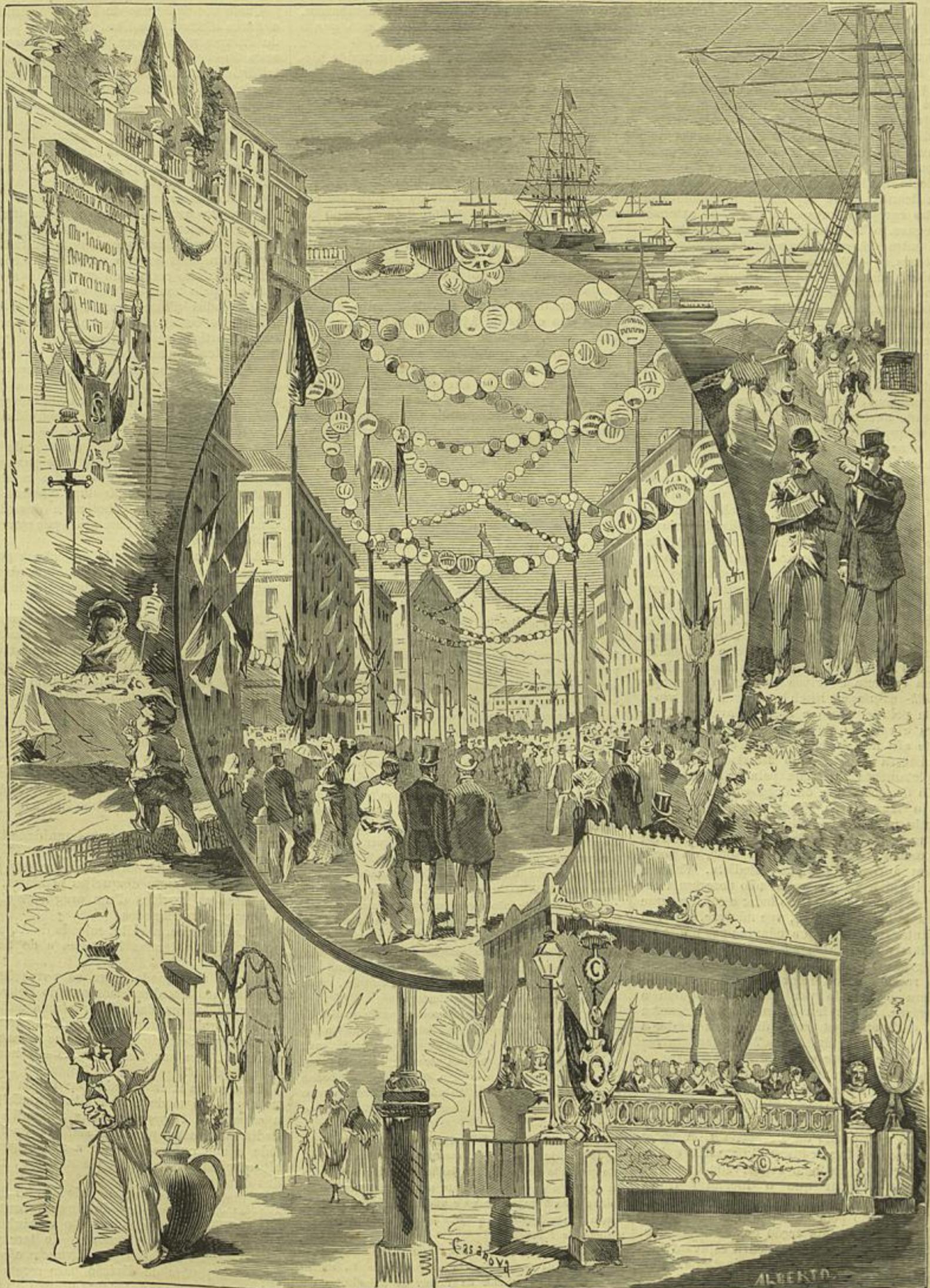
tral, está voltada ao oriente; e a que deve olhar para o occidente, a que havia primeiro de ver o estrangeiro que vem buscar o nosso porto, essa apenas tem o vestibulo começado. D'onde venho a cuidar que Thackeray teve razão para principiar dizendo que o palacio da Ajuda é — «uma aza só de um edificio que nenhum monarcha portuguez seria jámais bastante rico para poder levar a cabo; que, se estivesse concluido, desbancaria a Torre de Babel; e que na verdade era preciso vir muito ouro e muita prata das minas do Brazil para o seu fundador idear a construção de tão vasta mole.»

Cabe lembrar aqui duas cousas muito dignas de advertir: a primeira, que sendo a obra da Ajuda de muito menos fabrica que o convento de Mafra, este ficou na sua ultima perfeição, e aquella o poderia estar da mesma sorte; a segunda, que o imperador D. Pedro IV era ainda mais franco do que o nosso auctor; — do paço da Ajuda costumava dizer, segundo se conta, que nem para o illuminar tinha então meios sufficientes o rei de Portugal e dos Algarves.

Mas, para chegar ao terreiro do palacio, Thackeray ficou sabendo que é mister trepar um ingreme arrabalde, e de caminho foi riscando um esboço pittoresco, atrevido e caprichoso do



FESTAS DO CENTENARIO DE CAMÕES — ILLUMINAÇÃO E FOGO DE ARTIFICIO NO PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO
13 DE JUNHO DE 1880 (Desenho do natural por H. Pousão)



FESTAS DO CENTENARIO DE CAMÕES — NA RUA DO ALECRIM — O TEJO — O CHIADO — NA RUA AUGUSTA —
 PAVILHÃO NA RUA NOVA DO ALMADA (Apontamentos do natural por Casanova)

que era aquillo pelos annos de 1844: — «Umás miseraveis barracas, muitas d'ellas com seus quintaes de uma terra secca e arregoada, cuja principal cultura eram alguns pés de milho, abrigados por muito altas e esguias plantas de aloes, sobre a ramada das quaes estavam a enxugar ao sol os trapos de seus donos.»

É sem a menor dubitação o alto da Ajuda um ponto de vista deslumbrante. Vão-se os olhos arrobados n'aquellas ridentes e variadas perspectivas. Thackeray, egualmente surpreendido que pasmado, falla d'ellas com o entusiasmo de um poeta. Ouçamol-o, que dá prazer: — «A eminencia em que está assente o palacio domina os mais sublimes panoramas; para deante, vê-se espalhada a cidade com muitas igrejas e suas cúpulas; e, na extensão de leguas, o Tejo magestoso correndo para o mar entre margens coroadas de arvoredos e de torres.» — N'outra parte diz: — «Alguns milhões, gastos com acerto, tornariam este arido monte um dos jardins mais magníficos de todo o orbe.» — Até lhe pareceu que, pela situação em que se acham, estes paços reaes sobrelevam a quaesquer outros que se recordava de jámais ter visto. Poderia ainda dizer que elles têm, senão a formosura, a correção e a regularidade dos Parthénons e Acrópoles. Poderia também avisadamente notar, como o nomeado auctor do *Guia de Lisboa* (pag. 192), que sobrepôr tropeus aos torreões foi uma idéa deastrada, foi quebrar a severa inflexibilidade d'aquellas graves linhas rectas, que nos trazem á memoria os aureos tempos de Péricles. Porém, como na igreja de S. Roque nada lhe occorreu quanto á architectura dos jesuitas, assim tambem aqui não dá palavra sobre o classico gosto architectonico da Ajuda.

Continuando a observar o exterior do palacio, discorre com evidente dissabor a respeito das habitações que lhe ficam adjacentes, ao norte do terreiro, tão infimas e mesquinhas como as barracas a que acima allude. E fantasiando com elegancia que ellas foram marinhando mesmo para ao pé dos porticos e d'aquelles soberbos muros de silharia que param a subitas n'uma empena de ripas cobertas de estuque (*a lath-and-plaster hitch*), affirma que vio a monte pelo espaçoso e deserto largo peças de fustes e capiteis de columnas que provavelmente alli hão de jazer por seculos.

Foi essa previsão do illustre Thackeray completamente frustrada pela sabia administração dos governos, ou desgovernos, que tem tido o nosso paiz. Toda aquella pedraria (quanto não teria custado) foi vendida, se bem me recordo, por cincoenta contos de réis; pelo menos, assim o ouvi, em 1859, da bocca de um antigo e pródigo estadista. Valia a pena inquirir porque razão não pozeram tambem em almoeda o palacio todo; e confesso que n'aquella occasião estive, vae não vae, para lhe perguntar isso. Callei-me todavia; por um lado, respeito mundanos e as praticas acceitas e consagradas me detiveram; por outro, um certo receio de me retorquirem que não se vendera o palacio por não haver quem o comprasse. E, por fim de tudo, que lucraram elles, os financeiros da maldição, em vender a pedra do palacio da Ajuda? Obstar, talvez para sempre, a que algum dia se acabasse.

Depois, atravessando o pateo, dirigio-se para o que elle chama — *the grand entrance* — a entrada principal, do lado do occidente. Aqui é manifesta a referencia ao paço velho, devastado pelas chammass no reinado de D. Maria I. A parte que escapou ao fogo causou-lhe grande estranheza por estar tão bem conservada que toda a gente iria jurar que o incendio tinha occorrido ainda na vespera. Explica facilmente este phenomeno pela muita pureza do ar que tem aqui pouquissima acção nos edificios; de maneira que as arestas da pedra estavam tão vivas como se tivessem n'aquelle instante saído das mãos dos pedreiros. E merencorio e triste se poz então a considerar na tremenda scena de horror que deveria ter sido olhar d'aquellas alturas para Lisboa, e vê-la a abanar, quando foi do terramoto. Encheu-o de pavor essa visão; e ao despertar d'ella, ao cair de novo na

realidade, vê rachas, vê fendas, vê ruínas, aqui e além, no mesmo estado em que ficaram depois do grande tremor de terra, quando as paredes, umas abriram, e outras desabaram. Era ainda o fantasma do terramoto que o perseguia!

Rematemos com uma breve e resumida historia do paço velho e do paço novo.

O antigo palacio da Ajuda era quasi todo de madeira, e fôra levantado á pressa para habitação de D. José I, espavorido com a temerosa catastrophe do seu reinado. Ardeu em grande parte no anno de 1795, e por esse motivo a familia real trasladou a sua residencia para Queluz. A principio houve idéa de reedificar o palacio, mas posteriormente assentaram em construir outro mais sólido e mais vasto no mesmo local do antigo. Francisco Xavier Fabri deu o risco, e a execução d'elle, primeiramente confiada a Manuel Caetano de Sousa, foi depois entregue ao cuidado dos architectos José da Costa e Silva, e Fabri. Como, porém, aquelle fosse mandado para o Rio de Janeiro, tomou conta das obras da Ajuda o dito Fabri, e, por sua morte, Antonio Francisco da Rosa.

D. João VI, quando era ainda príncipe regente, lançou a primeira pedra nos alicerces do palacio, que não chegou a concluir-se por causa da fuga precipitada da côrte para o Brasil em 1807 e das subsequentes alterações politicas que durante muitos annos perturbaram o reino.

ALBERTO TELLES.

AUGUSTO CESAR CARDOSO DE CARVALHO

GOVERNADOR DE TIMOR

O distincto official da armada de quem hoje damos o retrato, nomeado ultimamente governador de Timor, tem-se assignalado por variadas commissões de serviço publico em que a sua pericia de homem de mar e as suas qualidades de administrador intelligente acharam occasião de se afirmar com proveito para o paiz e honra para o funcionario conscio dos seus deveres e penetrado da sua missão.

Durante a sua carreira marítima são innumeradas as commissões que tem desempenhado a bordo de varios navios de guerra. Em 1854 saiu para a estação naval d'Angola no brigue *Villa Flor*, regressando no anno seguinte, mas voltando em breve para percorrer a costa occidental, sustentando no Porto da Lenha, acompanhado por um troço de marinheiros, renhido combate com uma tribu indigena que poz em fuga.

Depois seguiu para Goa servindo nos estados da India como immediato do brigue *D. João de Castro*.

Successivamente não conheceu um momento d'ociosidade, servindo sem interrupção a bordo de diversos navios da armada, em viagens de longo curso para as nossas possessões, ou em estação nas nossas afastadas provincias ultramarinas. Fez parte da divisão naval que em 1865 conduziu a familia real ao estrangeiro, sendo por este serviço louvado officialmente.

Em 1869 foi nomeado instructor da escola pratica de artilheria naval e n'este logar ainda deu provas do seu espirito disciplinador e da sua competencia professional. As medalhas militares, de prata por comportamento exemplar e bons serviços, e o grau de cavalleiro da ordem de Christo e de Aviz, que lhe adornam a farda, provam que os poderes publicos tomaram na devida conta os seus serviços.

Nomeado governador de Diu, serviu este cargo de março de 1870 a junho de 1873, conseguindo a sua exoneração por falta de saude. Em junho de 1874 é transferido da capitania do porto da Horta para o de Angra do Heroismo d'onde regressou ao continente em 1877, embarcando pouco depois como immediato a bordo da corveta *Rainha de Portugal*.

Servindo ainda depois, sempre com maior zelo, outras commissões de serviço publico, o governo acaba emfim de o nomear governador de Timor. Os precedentes de tão distincto funcionario, e a aptidão de que tem dado provas; o seu espirito d'ordem, junto a um excellente tacto administrativo, hão de fazer-se sentir na administração que o paiz acaba de lhe confiar.

R.

A CALÇADA DE ALPAJARES

Quem vae de Freixo de Espada-á-Cinta para a Barca d'Alva, encontra, depois da povoação de Poiães e ao descer já para a margem direita do Douro, uma paisagem unica pela brutalidade funambulesca e pela selvageria dos caprichos. Imagine-se um *y* enorme tendo o tronco orientado na direcção norte-sul: a haste direita d'esse *y* é formada por uma ribeira, a ribeira do Brita, que vem das alturas de Freixo, e a haste esquerda pela ribeira do Mosteiro, que vem dos planaltos de Moz; no extremo inferior do tronco e perpendicularmente a elle corre, de nascente a poente, o Douro.

No espaço comprehendido entre as duas hastes do *y*, abertas para o norte, rasga-se por entre a penedia anavahada e tumultuosa, em zig-zags rapidos como o sulco de um raio, um velho caminho conhecido em toda aquella redondeza pelo nome de *Calçada de Alpajares*.

Aos lados d'esse caminho, flanqueado de precipicios cortados a prumo, erguem-se a alturas vertiginosas e dispostas em grandes massas desordenadas de penedia as vertentes laceradas das duas ribeiras, que, rompendo das gargantas escuras da montanha, veem unir-se a algumas centenas de metros da margem direita do Douro, entrando n'elle reunidas n'um leito commum.

A acção desnudante das aguas e do tempo tendo roubado ás rochas as suas partes mais facilmente atacaveis, os flancos das montanhas em que se contorse as duas ribeiras tem o aspecto trabalhado, cahotico e desordenado d'um solo fortemente saccudido por convulsões geologicas.

A rocha nua e cortante projecta-se por isso no azul limpido e distante da atmosphaera em angulos e em perfis d'uma brutalidade antediluviana e colossal.

As aguas e os abutres, pousados pacíficos e silenciosos, nas altas arestas das massas stratificadas da penedia, attentam sommolentos nos raros transeuntes d'aquellas paragens e parecem dormir embalados pelo sussurro confuso das aguas, que mordem rosnando o pé da montanha.

A vegetação não tem alli um palmo de terra onde fixar-se. De onde a onde apenas algum zimbro selvagem ou algum pé flexivel de esteva rompe angustiosamente dentre as fendas dos rochedos e estampa nos flancos avermelhados das montanhas umas raras manchas d'um verde sombrio.

É uma paisagem d'uma solemnidade tragica e theatral.

As trovoadas devem alli ecoar, nos reconcavos sem numero d'aquelles pendores, como as vozes enfurecidas d'um praguejar obsceno de deuses embriagados.

Este caminho, a velha calçada de Alpajares, está cheia de lendas ingenuas e de terrores feericos.

É caso averiguado entre as povoações circunvisinhas das duas margens do Douro, que a calçada foi mandada fazer n'uma noite pelo diabo, o qual commandou o trabalho com uma cana na mão, cavalgado n'uma das rochas mais salientes, que por isso ficou com o nome de *sella do diabo*!

Essa rocha lá está ainda com a sella talhada no dorso e é só de cima d'ella com effeito que a *calçada de Alpajares*, aberta por entre a penedia em lacetes phantasticos, se póde vêr em toda a sua extensão desde a sua origem, no alto da montanha, até ao seu termo, na foz das duas ribeiras.

A meio da descida, ao lado direito da calçada, ha uns penedos de formas brutaes e caprichosas, pendentes sobre o caminho, que apresentam vestigios recentes de terem sido teimosamente atacados por alavancas e cunhas nas suas juntas de divisão para serem separados e abertos. As massas diamantinas das quartzites ficaram inabalaveis e firmes, mas o braço que as atacou conseguiu fazer-lhes saltar algumas lascas das suas arestas mais cortantes.

A imaginação popular dá escondidos dentro

d'aquelles rochedos uns thesouros fabulosos, e não ha por isso, n'aquellas cinco ou seis leguas em torno, ambicioso ingenuo e crendeiro que não tenha vindo exercer de balde o esforço dos seus musculos trasmontanos e beirões contra a enercia da penedia. O rochedo porém resiste impassivel e firme nas suas raizes antediluvianas á raiva prescutadora dos ambiciosos.

Á direita da calçada, do outro lado da ribeira do Mosteiro, na sua vertente occidental, distinguem-se, colleando a montanha a meia encosta e subindo para as origens da ribeira, os vestigios d'uma antiga estrada romana, que se diz ter sido um antigo caminho militar destinado a ligar a desaparecida villa d'Alva, situada, segundo a tradição, defronte da moderna povoação da Barca d'Alva, á velha praça de Moz.

Ha alli talvez um vasto campo inexplorado para futuras investigações da archeologia portugueza, e uma farta messe de lendas populares, hoje tão importantes para o estudo das origens nacionaes, das filiações ethnicas e em geral da vasta sciencia tão moderna e tão attraente da anthropologia e da mythologia comparada.

Quando haverá um governo portuguez, que, sahindo por um momento da preocupação exclusiva e aviltante da politica do voto, se resolva a mandar recolher por homens competentes os restos muribundos das nossas tradições e das nossas lendas populares e a fazer estudar a população portugueza nos seus diversissimos caracteres anthropologicos?

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

DE BUENOS AIRES Á PAMPA

POR CORDOBA

(Continuação)

—Pero, proseguí Behety, antes de pasar á la capilla improvisada en el templo del Sol, conviene consignar para memoria de los hechos relatados, el recuerdo que se perpetúa de generacion, en generacion, de los objectos materiales que existen en el Peru y que son como la execracion popular y al alcance de todos, de aquel acto de alevosia y traicion; y diré despues, para honor de algunos historiadores independientes, su juicio acerca de aquel asesinato, que pretenden justificar escritores asalariados ó impudentes, como no faltan nunca al calor de los que gobiernan mal y pagan bien.

«Aun se vé (decia don Antonio de Alcedo á fines del siglo pasado hablando de Caxamalca) una piedra de vara y media de largo y dos tercias de ancho, que sirve de peana al altar de la capilla de la cárcel, en que recibió la muerte. De su palacio, que era un edificio ordinario de tapias, pero de mucha estension, en cuyo sitio se fabricó la cárcel, capilla y casa del Corregidor, que llaman de Cabildo, solo ha quedado una pieza que tiene doce varas de fachada y ocho de ancho, que es donde dicen, que estuvo preso aquel emperador; y no ha mucho tiempo que se conservaba la señal que hizo con la mano, de la altura á donde habia de llegar el tesoro que ofreció por su libertad.»

—Veamos ahora la version de los historiadores sobre el nefando atentado de Pizarro.

«Prendió (dice, refiriendose á este, Salazar de Mendoza) al rey Atabalipa, Inga ó Señor de todas aquellas provincias, y á su hermano Guascar: por que no quisieron recibir el Santo Evangelio, ni admitirle á él y á sus gentes al comercio y amistad, como estaban obligados por derecho natural. Mató por justicia á Atabalipa hecho ya cristiano.»

—Pero la excusa mas válida para el atentado cometido con este, excusa invocada por Fernando Pizarro en su Memorial á la Audiencia de Santo Domingo por Francisco Xerez, cronista y secretario del gobernador Francisco Pizarro, etc., es que Atahuallpa reunia gente

para atacar á los españoles. — Pues bien, Fernando de Oviedo dice: que con tal especie, Pizarro aceptó el consejo de algunos buenos y envió «á Hernando de Soto y el Capitan Rodrigo Orgones é Pedro Ortiz é Miguel Estete é Lope Velez, á ver esos enemigos que decian que venian... é que viendo, que era burla é muy notoria mentira é falsedad palpable, se tornaron á Caxamalca donde el gobernador estaba, *el qual ya avia fecho morir al Principe Atabalipa*, segun la historia lo ha contado; e como llegaron al gobernador, hallaronle mostrando mucho sentimiento, con un gran sombrero de fieltro puesto en la cabeza por luto é muy calado sobre los ojos, é le dixerón: «Señor, muy mal lo ha fecho vuestra Señoria, é fuera justo que fuéramos atendidos para que supierades que es grand traicion la que se le levantó á Atabalipa; porque ningun hombre de guerra hay en el campo ni le hallamos, sino todos de paz, é muy buen tratamiento que se nos hizo en todo lo que avemos andado.» Y el gobernador respondió é les dixo: «Ya veo que me han engañado...» (La frase sacramental de los gobernadores asesinos, que no tienen siquiera el corage de responsabilizarse por las aspiraciones desarregladas de su propia ambicion y cobardia!)

«Y en pago de sus ofrecimientos (dice Oviedo en otro lugar) encendidas pajas, se las ponian en los piés porque dixese que traycion era la que tenia ordenada; é inventando é fabricando contra el falsedades, le levantaron que los queria matar. E todo aquello fué rodeado por malos, é por la inadvertencia é mal consejo del gobernador; é comenzaron á le hazer processo mal compuesto á peorescripto, seyendo uno de los adalides un inquieto, desasosegado é deshonesto clerigo, é un escribano falto de consciencia, é de mala habilidad, é otros tales que en la maldad concurrieron.»

—Honor á los leales escritores que sirven así mejor á su patria estigmatizando á los perversos por mas altamente colocados que se hayan visto! Los que contrarian abusando del poder, las tendencias de un pueblo pundonoroso y valiente como el pueblo español, deben por ventura obligar al historiador á hacer pasar á la historia su manchado nombre como el de varones ilustres, por temor de herir la susceptibilidad nacional? No, cada cual responde de sus actos, y el historiador mas que outro cualquiera, porque tiene en si algo del respeto de ultra-tumba que rodea á la posteridad. Pero veamos ya la ultima escena del sangriento drama de Atahuallpa: sus funerales cantados por sus verdugos.

(Continúa)

FRANCISCO D'ALMEIDA.

O NINHO DE PARDAS

Estavamos em abril.

Os bailes fechavam os seus decotes provocadores e as camélias desfalleciam nos cabelos doirados das graciosas valsistas.

Calavam as orquestras os seus gastos reportorios, os histriões da banalidade soltavam o seu ultimo galanteio e as salas perfumadas, onde o bom tom exposerá a falsidade das suas joias e dos seus sorrisos, voltavam á frieza da indiferença, retomavam maneiras graves, como grandes peccadoras envergando os habitos de professoras.

O amor despia a mascara com que atravessára todos aquelles turbilhões, inquieto e malicioso, arrancando esta a um idyllio, engrinaldando aquella de caricias.

Elle, o garoto indiscreto, sorria das suas punhaladas, brincava com os corações como frageis bijouterias. As futilidades trocadas no rodopio das danças, os madrigaes recitados ás formosuras galantes, as alvoradas de esperanças acordadas nos seios da castidade, tudo, emfim, onde o amor collaborára com a sua estroinice e a sua volubilidade, desaparecia nos fumos do esquecimento, como nuvem tenue que vae fugindo d'um horisonte de crystal.

Por toda a parte o inverno caía agonisante. As ceias levantavam o seu ultimo brinde, e vibravam a sua derradeira nota os velhos melodramas das paixões.

Os conchegos macios de veludo, onde a voluptuosidade se abrigava dos defluxos e das pneumonias, enquanto nas vidraças estalavam os aguaceiros dos temporaes, abriam-se, francamente, ao suspirar da primeira andorinha.

Era a primavera, essa eterna consoladora, que nos restaura os pulmões com a frescura das suas manhãs, que nos delicia a alma com os cantos alegres das suas aves, com os aromas delicados das suas rosas.

O lyrismo sorriu no seu exilio, elle o gigante vencido, sentiu-se ainda grande, colossal, heroico e reconstruiu todo o seu imperio, pegou na sua lyra de poeta e foi-se a cantar o azul, esse seu amigo por quem se havia arruinado.

Viu, então, a serenidade das noites prateadas, o scintillar das estrellas, esses diamantes com que eu desejava fazer um collar para a minha amada, a brancura da lua sem uma unica camada de pó de arroz, os lagos adornados nos braços dos salgueiraes, as flores e as borboletas a beijarem-se como boas irmãs, a flor da laranjeira embelezando os veus das noivas, por toda a parte o bom ar, o ar vivificador, que levanta dos leitos os moribundos, que deixa passear os pobres, esses miseros a quem o inverno assassina cruelmente.

E os namorados e as creanças corriam as campinas, bem dizendo a primavera, a musa dos poetas, a mãe dos desherdados.

O lyrismo sentia-se contente, robusteciam-se-lhe os musculos, rejuvenescia-se-lhe a inspiração. Tinha desejos de lutar, de voltar aos seus arrojos de cavalleiro, de entoar as suas serenatas, os seus hymnos de victoria, de montar de novo o Pegaso e atravessar, vencedor, aquelles campos de luz, onde as arvores se abraçavam como enormes arcos de triumpho.

Estavamos, pois, em abril, no mez das flores e dos idyllios, quando todos os passaros levantam affoutamente, o vôo e percorrem o espaço entoando coros de alegria, saudando o sol que lhes sorri com a sua velha ingenuidade.

O campo adornára-se com as suas saphyras e esmeraldas, e fresco como a mocidade e risosinho como uma madrugada, parecia esperar os seus amigos, para lhes offerecer as grinaldas dos seus jardins e as canções das suas brisas.

Era uma bella manhã. O orvalho descia nas folhas das rosas, como lagrimas em faces de mulher; as margaritas e os lilazes cochichavam, maliciosos, o platonismo do alecrim e a palidez romantica das açucenas.

Havia alli o bem estar, o conforto, o socego, como n'um thalamo de deusas e de amores.

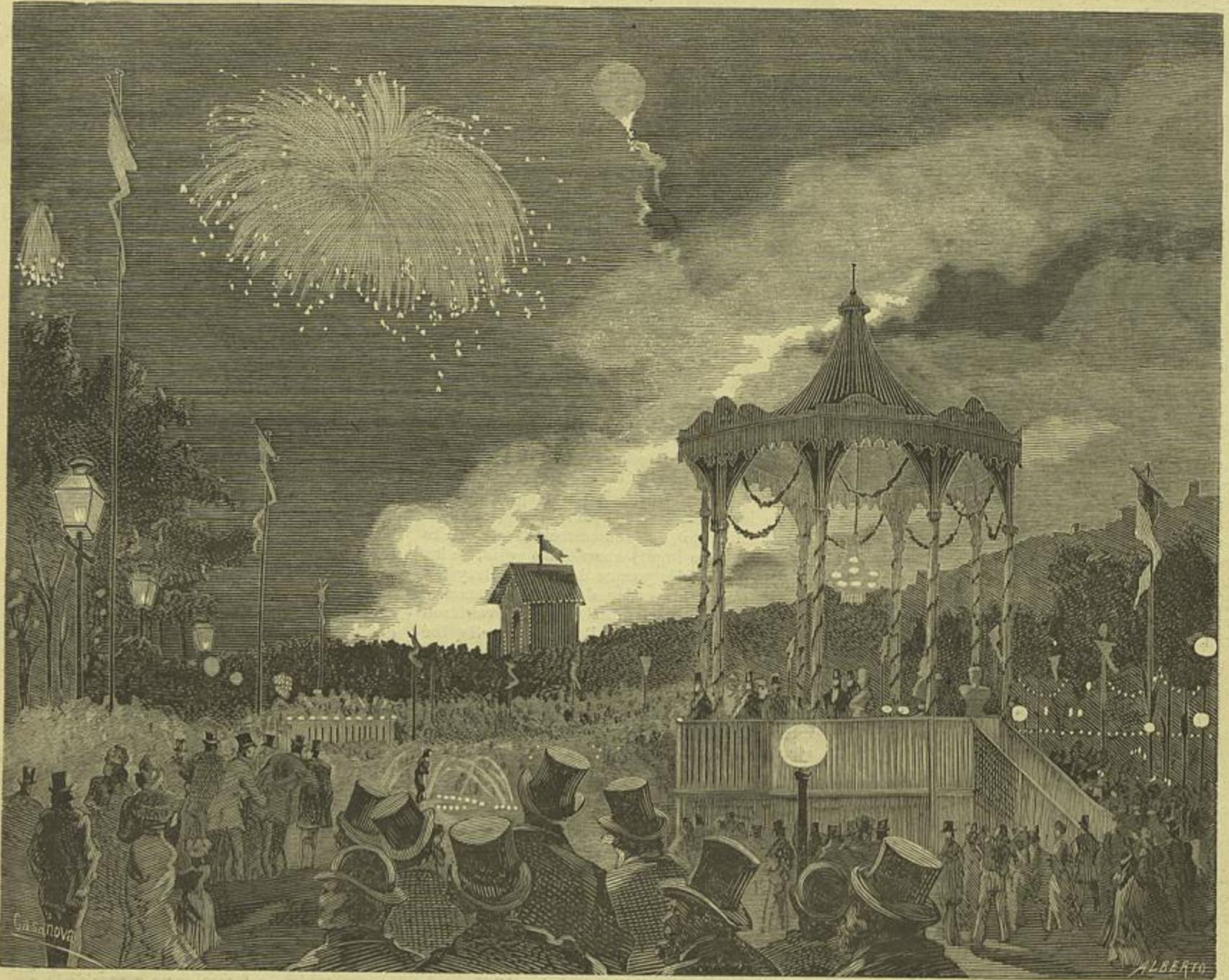
Sob um olaia copada e florida occultava-se uma bella rapariga sorrindo nos braços d'um rapazote de vinte annos, trocando affagos e promessas, esquecidos ambos do mundo, dos preconceitos, das leis sociaes, de tudo que é obstaculo ao desabrochar d'uma paixão peccadora.

Ella fugira, por instantes, do lar, dando o braço a um d'esses priminhos, que são os modernos heroes das aventuras de romance.

Deixára no trabalho o esposo, homem crestado pelo calor da officina, de mãos callosas, aspecto rude, consciencia limpa e sã, onde não pairava um remorso nem tão pouco uma duvida. Faltava-lhe o tempo para formar bouquets de banalidades, ensinar sensações novas, architectar fantasias e caprichos a que o priminho se propunha na sua qualidade de serpente tentadora.

Homem franco era o bom do operario; alma generosa e desinteressada, que via, no seu singelo *ménage*, a mais sympathica felicidade, fazendo saltar nos braços o filhinho, uma criança d'olhos vivos, muito traquina, muito desinvolta, o seu primeiro amigo, o seu unico thesouro.

A olaia parecia proteger aquella entrevista



FESTAS DO CENTENARIO DE CAMÕES — A NOITE DE 11 DE JUNHO DE 1880 NO NOVO BAIRRO CAMÕES (Desenho do natural por Cassanova)

de amor, amor falsificado e barato, que dura o espaço d'um sorriso e se desfaz ao primeiro grito de conquista.

Ella depozera o seu chapéu de palha, d'abas largas, para um lado do terreno, elle, o primo enganador, brincava-lhe com os cabellos, dizia-lhe segredos, desfolhava malmequeres e fingia irritações de colora quando estes lhe respondiam pouco e . . . nada.

A atmosphera morna e perfumada lançava ambos n'uma indolencia fatal e os olhares despediam faiscas magneticas que, instantaneamente, adormeciam idéas e deveres.

Como ella o julgava ali preso, vencido, prostrado, para sempre, a seus pés, dirigindo-lhe phrases doidas, prompto a dar-lhe a vida por um beijo seu, uma insignificancia na verdade! Elle dizia-lhe versos, contava-lhe historias d'amores celebres, romantizava a seu modo, sentindo-se queimar n'uma sensualidade ardente que lhe despedaçava o corpo.

Como que, sonhando acordada, ella sentia-se á beira d'um abysmo, em que, machinalmente, se ia lançar, rolando de pedra em pedra, sem uma haste onde se segurasse, sem mão que a salvasse d'aquelle despinhadeiro.

E o céu estava d'uma transparencia tal que, por bem pouco, não deixava perceber aquelle grande imperio, onde um Deus tem uma coterie toda palaciana e aristocratica e os anjos se tratam por excellencia e por alteza. Um pouco mais e ter-se-ia comprehendido toda a existencia d'além do azul, a existencia das almas boas, que vão ali buscar o premio dos seus martyrios soffridos na terra. Surprehender-se-ia talvez

algun banquete de nupcias, onde as virgens, n'uma nudez que aqui em baixo se não disfructa, ouviriam os brindes gaiatos dos gordos seraphins e os cantos alegres das suas cytheras afinadissimas. Que panorama tão grandioso cercava os dois namorados, duas creanças tontas e despreoccupadas, para quem o impossivel era uma barreira ridicula que se vence sem esforço. E os protextos augmentavam desafoadamente, e os beijos estalavam como trinados encantadores dos rouxinoes. Que bom era viver assim, longe das multidões inconvenientes e curiosas, sem outras testemunhas que não fossem o sol, as arvores, as flores . . .

De repente ouviu-se um canto mavioso de pardaes que, certamente, se baloiçavam n'algun ramo da olaia.

Ella procurou-os. O priminho amaldiçoou os impertinentes espectadores que assim perturbavam aquella comedia de dois personagens apenas.

Levantaram-se ambos. Os pardaes davam pequenas gargalhadas, umas risadinhas graciosas e elegantes. Era um ninho, sobre o qual esvoaçava um casal muito inseparavel, abrigando nas suas azas protectoras um pardalinho recém-nascido, de que ambos pareciam soffregos, receiosos que lh'o roubassem.

A rapariga perdia toda a vermelhidão do rosto e, silenciosa, preplexa, empallidecia pouco a pouco, como se lhe fosse a faltar a vida, a apagar-se-lhe a luz, o espirito! O rapaz que a seduzia com trovas e devaneios olhava-a espantado.

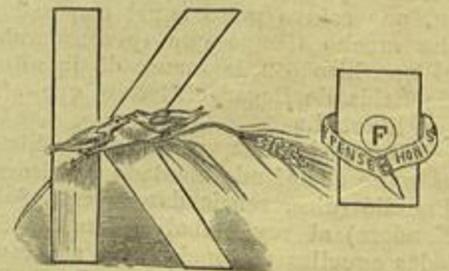
— Que tens? interrogou-a.

— Que tenho? soluçou ella. Olha . . . vêz aquelle ninho? . . . é uma familia, uma trindade encantadora, divina . . . Ouves os seus trinados? são epigrammas que me matam . . .

E dizendo isto deitou a correr, como louca, para casa, onde, á janella, a esperava uma creancinha cheia de lagrimas, gritando: *mamá, mamá.*

CARLOS DE MOURA CABRAL.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

O espirito vale mais que a belleza.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA
6 Rua do Thezouro Velho, 6